

QUEM SE LEMBRA DA COPA 2014?

Marcas e repercussões
do acontecimento

[Organizadores]

Vera Veiga França
Renné Oliveira França

1ª edição
2018



PPGCOM • UFMG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q3 Quem se lembra da Copa 2014? Marcas e repercussões do acontecimento / Organizadores Vera Veiga França, Renné Oliveira França. – Belo Horizonte (MG) : PPGCOM UFMG, 2018.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-54944-11-7

1. Comunicação social. 2. Copa do Mundo (Futebol) – 2014. I. França, Vera Veiga. II. França, Renné Oliveira. III. Título.

CDD - 796.334668

CRÉDITOS DO E-BOOK © PPGCOM UFMG, 2018.

PROJETO GRÁFICO
Bruno Menezes A. Guimarães
Bruno Guimarães Martins

DIAGRAMAÇÃO
Bruno Menezes A. Guimarães

CAPA
Bruno Menezes A. Guimarães
Licença atribuída: <https://br.freepik.com/>

CAPÍTULO 19

David Luiz: valente, charmoso, bom moço

VERA VEIGA FRANÇA

A TRÁGICA FINALIZAÇÃO da seleção brasileira na Copa de 2014 tirou momentaneamente de cena nossos heróis nacionais; o resultado foi tão deprimente que encobriu e neutralizou o carisma que até na véspera do jogo com a Alemanha exalavam alguns de nossos jogadores (manchando-os com a vergonha de uma derrota sem igual).

Este fato, no entanto, não desloca a importância de ter (e de se criar) heróis. A sociedade precisa deles; o futebol é um campo propício para fornecê-los. Estrelas povoam o mundo do futebol, e o Brasil é um expert em criá-las e cultivá-las. Temos nomes inesquecíveis – Heleno, Pelé, Garrincha, Zico, Ronaldo. Claro que, ao deixar de jogar, e com o passar do tempo, sua fama fica esmaecida. Mas enquanto duram, seu brilho é intenso.

Nesta Copa, tivemos vários candidatos ao pódio dos heróis. A cada dia, ao longo dos jogos, um narrador resgatava um salvador da pátria, um feito sobre-humano; ao final das partidas, os comentaristas não apenas destacavam os grandes lances e as melhores performances, mas procuravam ressaltar, para além do bom jogador, esta figura completa que suscita admiração. Nas redes sociais, o debate em torno da projeção de ídolos foi intenso; processos embrionários de mitificação foram intensivamente disparados.

Por que se ocupar tanto desses tipos exemplares? A que vem e a que serve a figura do herói? Naturalmente, esta questão demanda uma discussão aprofundada, e neste breve texto apenas pretendemos extrair alguns “ganchos” suscitados particularmente pelo aparecimento de um personagem novo, que foi David Luis.

Os ídolos do futebol, evidentemente, se consagram em campo, a partir de seu desempenho como jogador. Mas é preciso mais para atingir os corações. É claro que um jovem com o talento de Neymar, candidato a figurar entre os melhores do mundo, desponta e alcança popularidade. Além dos gramados, ele passa a ser visto em comerciais, confere importância àquilo que toca, ganha espaço na cena pública, é seguido em sua vida privada, copiado em seu penteado. Torna-se uma celebridade, e passa a se comportar como tal.

A passagem a herói, no entanto, implica outros ingredientes além de alta performance; é preciso um ato de coragem, é preciso enfrentar e vencer um perigo, e se doar pelos outros. Sobretudo, é necessário portar alguns valores. E nesta Copa, o candidato a herói não foi tanto Neymar, mas David Luiz. Jogando bem, espírito de equipe, alto astral, visual atraente, jeitinho de bom moço, ele provocou consenso junto a vários tipos de público. Foi flagrado e retratado em vários momentos de sua atuação – demonstrando seu empenho, sua garra, sua energia.

A fragilidade da seleção brasileira era conhecida de antemão; temos bons jogadores individuais, e mesmo um craque, como Neymar, mas tanto o conjunto quanto o técnico suscitavam sérias dúvidas (e apreensões). O torcedor brasileiro (e aqui trata-se do grande coletivo – o Brasil) queria ser surpreendido; era preciso aparecer alguém que significasse pelo menos a possibilidade do grande salto de qualidade desejado. E David Luiz, sério, dedicado, mostrando seu bom desempenho desde o início, se tornou o candidato ideal. Seu comportamento com os colegas, nas entrevistas, irradiava uma simpatia serena, indicava uma pessoa de bem. E mais: era bonito e distinto, e descolado do estilo “classe popular” que permanece em vários jogadores.

Dentre as várias cenas protagonizadas por ele, uma particularmente foi marcante, e inclusive eleita por vários comentaristas como “o fato grandioso da Copa”. Trata-se do abraço e das palavras de conforto ao craque da seleção colombiana, James Rodríguez, após o jogo Brasil - Colômbia. Em lugar de se entregar à euforia da vitória, David Luiz volta-se para o outro – no caso, o ídolo derrotado – e sua atitude é de solidariedade, camaradagem. Por que esta cena foi tão apreciada, comoveu tanto? Num esporte viril, de alta competi-

vidade, por que valorizar assim uma atitude de delicadeza e cuidado – mais identificada, inclusive, com o feminino?

É do contraste que podemos extrair o interesse dessa passagem, que nos fala da aproximação e apreço a valores opostos. Nossa sociedade e nossa ação no mundo é movida por competências, mas também e antes de tudo por valores: aquilo que apreciamos ressalta os valores que estão em alta. A prática do esporte não apenas é também atravessada por eles como, inclusive, é utilizada para promovê-los, cumprindo uma clara função educativa e socializante: o esporte deve ajudar a formar a boa cidadania.

E, claro, o futebol – nosso esporte nacional – é palco de muitos valores, é visto como retratando, em vários aspectos, uma cultura e identidade brasileiras (conforme vem sendo estudado por alguns pesquisadores que se dedicam à temática). Mas ele fala também de um quadro mundial; não é sem razão a adesão (e paixão) que suscita nos vários continentes. Seria muito dizer que o futebol contém (e espelha) valores universais – mas, sem dúvida, dialoga com eles, revestindo-os das cores das culturas locais e da contemporaneidade.

De forma muito evidente, o esporte explora a competição. Apesar da máxima “o importante é competir”, é a vitória que se almeja; o importante é ser o melhor de todos. Nisto a competição esportiva hoje, e o futebol em particular, traduzem muito claramente os valores da sociedade capitalista, consumista e de ostentação de nossos dias, na qual cada um deve se superar (e superar seu vizinho, que se torna concorrente). Esta competição torna o mundo muito difícil – e nossa tarefa muito árdua. É muito duro manter uma alta performance, ostentar um perfil de vencedor, se mostrar sempre forte e realizado.

É aí que outros valores se sobressaem. Talvez não tanto os que exercitamos, mas aqueles dos quais necessitamos. Entre eles, a solidariedade, o apoio, a compaixão. Um herói humilde, que não tripudia, mas fortalece... É tudo o que precisamos!

Parece-nos que foi neste nicho que David Luiz se sobressaiu: não apenas como bom jogador, mas como uma figura humana exemplar. Um grande esportista pode provocar um mecanismo de projeção: suscita admiração, ele é o que gostaríamos de ser. Mas aquele que, além de portar características e desempenho excepcionais, é também generoso e pensa nos outros, vai mais longe. Ele ganha admiração e respeito, e passa a ser cultuado.

Pena que a trajetória de David Luiz foi curta: o herói magnânimo e bonzinho não pôde assegurar a vitória da seleção brasileira em campo. De acordo com algumas críticas, inclusive, foi por querer fazer mais do que podia – ser mais

do que o bom zagueiro, mas o artilheiro, e aquele que ia garantir a vitória do time - que ele se perdeu, e não foi uma coisa nem outra nos dois últimos jogos. No entanto, ele ainda comoveu o público por sua tentativa. Não por acaso, suas lágrimas foram as mais focalizadas pela mídia no dia da trágica partida com a Alemanha: David Luiz chorando, pedindo desculpas – não tanto por ter perdido, mas por não ter sido capaz de fazer seu povo feliz...

A Copa acabou e, com a derrota, os candidatos a herói se diluíram. David Luiz já saiu de cena (até porque o preço exorbitante com que foi vendido ao *Paris Saint-Germain* destoa da imagem que quisemos guardar dele). Porém no breve período em que sua estrela brilhou, ele representou mais do que outros craques podem representar apenas com sua excepcionalidade no campo: não apenas uma celebridade, mas o herói humano e bonzinho. Precisamos pensar que, num mundo marcado pela disputa e pelo egoísmo, alguns comportamentos nos indicam que nem tudo está perdido.

Ainda que passageiro, David Luiz - valente, charmosos, bom moço – apareceu como um modelo, uma ilusão que torna mais real o mundo de nossos sonhos.